

A SAÍDA-ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA E EMANCIPAÇÃO DO NEGRO

Stefani Edvirgem da Silva*

RESUMO: Neste trabalho pretendo analisar a funcionalidade da literatura afro-brasileira, uma vez que se compromete, quase que exclusivamente, com a elaboração de contradiscursos da literatura canônica, a qual sempre se preocupou em manter apenas as verdades de uma homogeneidade masculina, branca e ocidental, permanecendo o negro, neste sentido, somente nas condições de eternos escravos, alienados e semoventes. Pretende-se estabelecer paralelos em torno das duas inscrições que constituem a problematização da retratação do negro: como são vistos pelos cânones de nossa literatura, ou seja, enquanto objeto de uma escritura, e a inscrição deste enquanto sujeito de sua escritura. Num trabalho de construção e reconstrução, esta literatura, juntamente com a escritora Conceição Evaristo, por meio principalmente da memória de uma vivência, trazem a verdadeira identidade e subjetividade do negro. Integrando a literatura afro-brasileira ao contexto da literatura nacional, identificando-a como geradora de uma identidade singular e tradutora de uma escritura que a distingue no quadro da produção literária brasileira, tem-se como intuito descongelar a figura do negro mantido sempre ao rés das representações do universo canônico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Identidade; Literatura afro-brasileira.

* Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina - UEL; Mestranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: stefani_silva@ig.com.br

THE WRITTEN ESCAPE OF CONCEIÇÃO EVARISTO: AFRO-BRAZILIAN LITERATURE AS A STRATEGY OF SURVIVAL AND EMAN- CIPATION FOR THE NEGRO

ABSTRACT: In this paper I intend to examine the functionality of the Afro-Brazilian literature, since it undertakes, almost exclusively, the development of counter-discourse of the canonical literature, which has always focused on keeping only the truths of a homogeneous male, white and Western group, leaving the black, in this sense, only in the condition of eternal slavery, alienation, such as livestock. The intention is to set parallels regarding the two issues that constitute the problematization on picturing the black: the way they are seen by the canons of our literature, or as objects of a writing, and his entry while subject of his writing. In a work of construction and reconstruction, this literature together with the writer Conceição Evaristo bring out the true identity and subjectivity of black, mainly through the memory of an experience. While integrating Afro-Brazilian literature to the national literature, identifying it as a generator of unique identity and translator of a writing which distinguishes itself among Brazilian literature, the goal is to free the image of the negro, always kept to the bottom level of canonic representations.

KEYWORDS: Literature; Identity; Afro-Brazilian Literature.

INTRODUÇÃO

Calou, sabendo, entretanto, que iria adiante como ele. Um dia, e agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, o silêncio, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala do povo. (EVARISTO, 2006, p. 161)

A eficácia da propagação eurocêntrica aos povos que sofreram a diáspora no Brasil, assim como em toda a América, além de provocar um genocídio, de modo particular à população negra, também causou um “semicídio” ao acabar quase que completamente com identidades que se pautassem em discursos e ideologias contrários ao que se era imposto. A arbitrariedade da história oficial manteve-se sob o domínio do conquistador, tido como único civilizado e detentor da verdade e poder, o que fez dos outros povos bárbaros civilizáveis, os quais, na condição de conquistados, obrigatoriamente tinham que ser submissos aos padrões estéticos, cívicos e ideológicos estabelecidos.

A aceitação e a internalização das inúmeras imposições durante o período escravocrata, o que era inerente a muitos dos escravos africanos, deveu-se a uma identidade que fora construída principalmente pela negação de outras vistas de forma depreciativa, uma vez que a identificação acaba sendo feita através da representatividade de um grupo sobre o outro, que se desloca e se transforma constantemente dado um contexto histórico e social. A “árvore do esquecimento”, ontológico símbolo de destruição da memória africana, lugar onde os futuros escravos davam voltas para assim esquecer seu passado e melhor assimilar o que viria, comprova a necessidade de incorporar novas culturas, não havendo possibilidade de espelhar-se em outrem.

Ao compelir o negro para não reconhecer seu legado cultural e, sobretudo, assumir sua herança física com raízes na África, mantendo-o como que em um sono profundo a este reconhecimento, o deixou também sem possibilidade de identificar-se por completo, tendo em vista o seu fenótipo, havendo possibilidade da equiparação ao do branco somente em gerações futuras pelo processo da miscigenação; e a própria sociedade que, por mais que qualquer negro se transformasse, jamais alcançaria as qualidades próprias e exclusivas dos brancos.

Caso típico desta assimilação de tornar-se branco para uma possível inserção e, por conseguinte, identificação é o da lendária Francisca da Silva, mestiça de uma mãe negra e de um pai branco e concubina de João Fernandes de Oliveira, contratador de Diamantes, com quem teve vários filhos (FURTADO, 2003). Chica da Silva adquiriu para si

uma apropriação/identificação ao adotar hábitos, valores e crenças da camada da sociedade dos brancos, mas jamais sendo incluída de fato, dada a impossibilidade de documentar seu casamento, assinando o sobrenome Oliveira. Como no caso desta personagem, não era suficiente possuir a identidade branca: o ser/parecer/nascer branco era o que os impedia de fazer parte da sociedade brasileira, principalmente nos séculos XVIII e XIX. Furtado (2003, p. 246) afirma que:

Sua trajetória revela a tentativa de branqueamento como forma de [...] inserir [...] [a si mesma e seus descendentes] mais favoravelmente na sociedade preconceituosa que se instituiu no Brasil e que, longe de ser uma democracia racial, apresentava mecanismos de exclusão baseados na cor, raça e na condição de nascimento.

A anulação do negro, sustentada em simbologias oriundas de discursos religiosos e científicos, perpetuou-se durante e após o período escravocrata, contribuindo para a formação de uma identidade negra carregada de estereótipos e, conseqüentemente, jamais quista pelos que não eram negros e principalmente para os que carregavam tais características, quase que unicamente pejorativas e diminutivas. Lembrados apenas folcloricamente, em datas festivas como o carnaval ou em assuntos ligados à sensualidade, trabalho, força e virilidade, remete-nos diretamente à escravidão, período no qual teve início a aparente identidade do negro. Toda a ideia da existência de uma democracia racial e de que o negro tornara-se cidadão comum com direitos e deveres, contava uma história de única versão, na qual os estigmas criados em relação a sua figura nunca foram devidamente discutidos.

O paralelismo maniqueísta do conhecimento/poder fez com que a metafísica ocidental do domínio do saber consolidasse dicotomias tais como inferior versus superior, bem versus mal, verdadeiro versus falso entre tantas outras, as quais dizimaram culturas inteiras possuidoras de outras verdades que iam de encontro ao absolutismo vigente. Mediante tais circunstâncias que deixaram resquícios às gerações futuras, a existência de uma intelectualidade a qual resignificaria a

identidade negra parece para muitos um fato incompreensível, devido à associação ainda existente do negro ao escravo, cumpridor das funções subsecivas da sociedade e jamais a de detentor de qualquer verdade. Recontar e (re)explicar a história oficial pela visão dos “derrotados” através da escrita, por exemplo, tem sido uma estratégia de sobrevivência da cultura afro-brasileira e de emancipação do próprio negro, denotando que a aculturação europeia não se instalou sem algum tipo de resposta e resistência.

Percorrendo os caminhos pelos quais a escrita perpassou, sabe-se que as modalidades literárias seguiram sempre uma ditadura de um estilo ou de uma estética determinados; o poeta e/ou o autor só o eram se fizessem parte de um padrão literário estabelecido por sua época e se pertencessem a um universo exclusivo dos mesmos, prevalecendo-se a hegemonia apoiada nos padrões masculino, branco e ocidental.

Em uma análise da historiografia literária percebe-se em inúmeros momentos a prevalência desta tríplice supremacia. Tratando-se de Brasil, o negro se fez presente apenas como objeto de uma escritura que ora o contemplava sem dar-lhes voz, como em romances ou poemas que tratavam romanticamente a escravidão, e ora os rebaixava constantemente nas entrelinhas destas obras. Comprova-se, portanto, a proposta de uma literatura afro-brasileira em reescrever, como estratégia, a literatura brasileira canônica de forma a suplementá-la, haja vista que todos os momentos em que se tem a presença dos afro-brasileiros nas obras literárias são carregados de preconceitos vários.

2 DESENVOLVIMENTO

Grandes cânones de nossa literatura, que foram custosamente legitimados como negros, hoje são recolocados literariamente como percussores da (re)construção da identidade negra em nosso país, apesar de seguirem o padrão homogêneo exigido em suas épocas em busca de uma aceitação pela qual todos eram obrigados a passar, fossem eles brancos ou não, de forma elíptica, porém exemplar. Pode-se validar a colaboração destes escritores para as novas tendências poéticas, espe-

cialmente para a afro-brasileira. No poema “Caveira”, de Cruz e Souza, em contraponto aos dizeres de Bernardo de Guimarães em **Escrava Isaura**, de que “pele branca implicava também em ter uma alma branca/pura”, descreve que nosso fenótipo e os estereótipos que a ele são conferidos nada valem, pois ao final o poeta enfatiza que somos todos “caveiras, caveiras, caveiras...”; ou nas denúncias da discriminação social, objeto da escrita de Lima Barreto (escritor que ficara esquecido por décadas), que de forma exemplar faz o Romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**; ou ainda as críticas às condições dos escravos e posteriormente à abolição absurda sugerida aos negros da época nas crônicas, contos e até romances de Machado de Assis.

Todo o olhar crítico dirigido à estas obras e tantas outras que traziam a discussão do negro não mais como objeto, mas como sujeito de suas ações, contribuiu para que no final do século passado a literatura afro-brasileira se destacasse em meio à literatura brasileira. Tem-se, então, a pergunta: por que diferenciar ambas as literaturas, se podemos verificar brilhantemente a figura do negro na obra **Os Escravos**, de Castro Alves, ou nos contos e romances de Jorge Amado observar a beleza da miscigenação e sincretismo das culturas, principalmente a do negro? A resposta esta ligada à materialidade desta construção literária (no que diz respeito à autoria) e à necessidade de criar-se uma identidade que até então fora deturpada por quase todos que se utilizaram da temática do negro e, assim, socialmente os apontaram.

Muitos dos padrões sociais encontrados hoje, formados a partir de uma imagem pautada mais em conceitos fixos e preconcebidos do que pela própria realidade, são consequências de leituras e escritas que, contextualizadas, excluíram e rebaixaram aquele que se encontrava na condição de escravo ou recém-liberto. Portanto, o desafio da Literatura afro-brasileira é, dada outra conjuntura, ponto de vista, autoria e temáticas, reescrever em nome de uma coletividade ainda vista como unicamente descendente de escravos.

Com o intuito de alterar todo um discurso pré-existente sobre o negro, os responsáveis hoje por esta nova poética – a afro-brasileira – partem da própria literatura canônica para assim fazer toda uma recon-

figuração de imagens e sentidos relacionados aos afro-descendentes. A temática torna-se o ponto de partida para entendermos a proposta destes escritores, pois, sendo composta a partir da memória cultural e das condições sociais vivenciadas por esta parcela da população, é possível que crie estratégias de sobrevivência da cultura africana sumariamente apagada, uma forma de emancipação para livrar-se da condição de branqueamento imposta, como também a criação de uma identidade.

Conceição Evaristo, mulher negra, mineira, radicada na cidade do Rio de Janeiro, aparece hoje como um ícone da literatura afro-brasileira, pois faz refletir em suas obras não só os problemas que envolvem o negro no Brasil, revelando uma literatura comprometida e até mesmo militante, mas também apresenta uma beleza poética, digna e perfeitamente adequada aos padrões canônicos. Em todas as entrevistas que Evaristo dá, declara que ao contrário de muitos escritores, os quais cresceram ao redor de livros, ela cresceu rodeada de palavras. Logo, toda a sua escrita é repleta de memórias, muitas vezes confundindo-se com sua biografia. Pretendo analisar neste trabalho, unicamente sob a ótica da escrita como criação de uma identidade e estratégia de emancipação e sobrevivência da cultura negra, os dois grandes e únicos romances da autora: **Ponciá Vicêncio**, recorde em vendagem, e **Becos da Memória**.

Ponciá Vicêncio conta a história da personagem título, mergulhada em suas lembranças reveladoras de uma vida repleta de desencontros, perdas e de uma identidade afro-brasileira bastante presente, assim como os resquícios do período escravocrata. Em cada página conhecemos não só a vida de Ponciá, mas de toda a sua família que, como ela, na condição de descendentes de escravos, enfrentaram uma sociedade que não é identificada e nem distinguida temporalmente, porém ajustável à nossa, seja em qualquer época.

A cuidadosa montagem da obra traz uma denúncia logo no título: Vicêncio, sobrenome da protagonista e de todos os moradores negros da “roça” em que vivia, traz a herança senhorial de uma escravidão ainda presente. Assim como no título, essas denúncias aparecem constantemente, como na história do avô que matou a mulher e quase se matou num ato de revolta por seus filhos terem sido vendidos mesmo

após a lei do ventre livre e também no sofrimento do pai de Ponciá nas mãos do filho de seu patrão, servindo até de amparo para o “mijo” da criança branca. Estas e outras denúncias trazem nas entrelinhas do romance as histórias que estamos acostumados a ouvir por outro viés, são outras subjetividades que se revelam em uma outra poética. Segundo Duarte (2007, p. 27):

Exemplo de romance afro-brasileiro, Ponciá Vicêncio polemiza com a tese segundo a qual a escrita dos descendentes de escravos estaria restrita ao conto e à poesia [...] Em que consistiria este romance? Se entendido como texto de autoria afro-descendente, tratando de tema vinculado à presença desse segmento nas relações sociais vividas no país, a partir de uma perspectiva identificada politicamente com as demandas e com o universo cultural afro-brasileiro e destacando ainda o protagonismo negro nas ações, em especial aquelas em que se defronta com o poder e com seus donos, não há dúvida de que Ponciá Vicêncio não só preenche tais requisitos, como ocupa o lugar supostamente vazio do romance afro-brasileiro.

Entre as várias denúncias que aparecem no romance, como o trabalho em regime de semiescravidão, o êxodo rural, a indiferença da igreja aos desabrigados entre tantas outras, a do analfabetismo que circulava os que faziam parte da vida de Ponciá é que chama a atenção por mostrar a dificuldade da inserção do negro no universo intelectualmente ativo. Dois momentos revelam uma brutalidade no sentido, mas uma sutileza na composição de que a autora representa estas realidades.

O primeiro momento dá-se em uma das poucas lembranças que Ponciá tinha de seu pai, ausente homem que mais trabalhava do que via a própria família. Ao entrecortar a presença da personagem principal, o narrador nos leva a conhecer a trajetória de vida do pajem do sinhô-moço, futuro pai da protagonista. Conhecemos o episódio do “mijo”, assim como o dia em que o sinhô-moço quis ensinar a criança negra a ler e escrever:

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo aos ensinamentos do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber (p. 15).

No início deste parágrafo, a autora coloca a disparidade que há em ser tudo do sinhô-moço, submetido a todas as obrigações de um escravo, mas não sendo nada do mesmo, estando na condição de um objeto que se movia às vontades dos donos e senhores. Porém, a maior denúncia identificada é o medo de proporcionar àquele que não detém o poder a inteligência, que se daria pelo domínio da escrita. A pergunta feita logo após o relato, “*Mas o que o negro ia fazer com o saber do branco?*”, é respondida pela própria obra, que reverte tal saber em uma arte comprometida também em revelar outros discursos, especialmente aqueles que se mantiveram nas entrelinhas literárias. Inúmeros episódios vivenciados pela sociedade, de modo especial os que ainda nos refletem negativamente, justificam-se por um apagamento de tudo aquilo que contraria verdades já determinadas, pois sendo estas o conjunto de práticas sociais e discursivas, geradoras de conhecimentos e poderes vários, o domínio tornar-se-ia mais fácil e eficaz se extinguidas.

O segundo momento dialoga com o primeiro, contando agora a história do irmão de Ponciá Vicêncio, Luandi Vicêncio. O irmão, também em busca de uma vida melhor e na esperança de reencontrar a irmã, parte para a cidade e sofre uma série de humilhações até encontrar um soldado, em quem se espelhou em sua nova vida cidadina. Soldado Nestor era negro e soldado, para Luandi era o retrato do que queria alcançar. Na euforia de ter conseguido emprego na mesma delegacia em que trabalhava o tal soldado, verifica-se a seguinte passagem:

- Senhor Luandi José Vicêncio, o senhor está empregado! Empregado aqui na delegacia!

- Empregado? Como? Fazê o quê? Vesti farda, sê soldado?

O delegado, o soldado negro e outro branco riram, gargalharam. Quando fizeram silêncio, foi o soldado negro que se aproximou, dizendo-se chamar Nestor e que, se Luandi quisesse, ele estaria empregado. Era para varrer, limpar, cuidar do asseio da delegacia. E como ele não sabia ler nem assinar, não poderia ser soldado. Mas, se ele estudasse muito, poderia ser soldado um dia. Poderia ser mais, muito mais. Entretanto, Luandi só queria ser soldado. Queria mandar. Prender. Bater. Queria ter a voz alta e forte como a dos brancos (p. 71).

Percebemos, por meio dos personagens da obra, a vida de muitos afro-brasileiros representada pela arte e minuciosamente trabalhada em cada frase. O que é primeiramente reservado a Luandi e a todos de sua condição social, e quase que conseqüentemente também aos da sua cor, são os afazeres domésticos, lugar em que estamos acostumados a ver esta parcela da população, e na voz do narrador verifica-se a saída pela instrução para o personagem alcançar seu objetivo – obtendo-a, Luandi poderia ir além de soldado, saindo definitivamente da condição de escravo. O que deve ser destacado, além disso, é a verdadeira vontade do irmão de Ponciá, ele queria “... *bater, prender, ter voz alta, forte como a dos brancos...*”, destacando-se outra saída na qual muitos se espelham e acabam seguindo, a de revidar a violência física e moral. O pensamento de Luandi nos remete ao personagem Prudêncio da célebre obra de Machado de Assis, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, que na condição de liberto oprime os escravos chibatando-os como também fora chibato. O contexto de ambos personagens não deixa de ser verificado igualmente como uma estratégia de sobrevivência e identificação.

A saída-escrita de Conceição Evaristo continua de forma marcante em seu romance **Becos da Memória**. Escrito sem linearidade, verificam-se várias histórias em torno de um ambiente e acontecimento: uma

favela e o processo de desfavelamento ao qual estava sendo submetida: *“Dava a impressão de que nem eles sabiam direito porque estavam eradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube talvez”*. O título mais uma vez remete quem lê ao que irá encontrar nas linhas do romance: em cada beco desta favela sem identificação conhecemos a memória de muitos moradores do local. Em terceira pessoa, o narrador onisciente várias vezes se confunde com a personagem Maria-Nova, criança que leva o leitor em cada lugar da favela. Recorrendo à biografia da autora, descobre-se que na infância, o lugar em que morava também sofrera uma desapropriação. Dessa forma, incorporada na personagem que conduz a leitura da história, Conceição Evaristo faz maravilhosamente uma colcha retalhada da vida de cada personagem da favela: *“Eram histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço.”* Diferentemente de Ponciá Vicêncio, analisarei dois personagens que fazem da escrita e também da leitura sua estratégia de sobrevivência.

O primeiro deles é Negro Alírio, homem da roça que não aceitava sem contestação as injustiças que o “seu povo” sofria nas mãos do Coronel Jovelino, fazendeiro que além de ter como subordinados os negros também queria a terra que estes possuíam, conquista que se deu ao ir matando aos poucos aqueles que não cediam às suas vontades. Ainda criança, Alírio queria falar, denunciar, acabar com as injustiças que ocorriam ao seu redor, mas era impedido por todos que se conformavam com as atrocidades que viviam, esperando a resposta de Deus. Para o personagem, além de Deus era preciso estudar, ler, para assim a resposta chegar mais rápido e por suas mãos. Já adulto, sai do lugar que vivera toda a vida para transmitir a sabedoria que havia conquistado como estratégia e conseqüentemente emancipar-se. Seu primeiro trabalho na cidade foi em uma construção civil, lá ensinou aos companheiros a também encontrarem sua estratégia:

Vivia bem com os companheiros. Dormia mesmo na construção e aproveitava a noite para ensinar a quem quisesse aprender um pouco. Em pouco

tempo, todos os operários dali estavam querendo aprender a ler, muitos foram procurar um curso noturno. Era ele quem ajudava a decifrar os deveres. Assim foi na construção, na padaria, na fábrica de tecidos; onde quer que passasse, Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler a realidade, o modo de vida em que todos vivam (p. 90).

O compartilhar de conhecimento de Negro Alírio acaba sendo visto como uma forma de criar uma consciência e acima de tudo uma identidade aos que se mantiveram sempre como oprimidos e dificilmente representados, especialmente os afro-descendentes. Após fugir de uma perseguição a líderes grevistas, chega à favela em que se ambienta a narrativa e ajuda àquelas pessoas a lutarem contra o desfavelamento e o autorrebaixamento que lhes era inerente. O filósofo Roger Scruton(1986 apud HALL, 2006, p. 48) diz que o homem deve identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao que ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. E qual o lugar do negro e de tantas classes marginalizadas que não se veem representadas em esferas sociais como na política, na mídia ou na literatura? As diferenças sociais, regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas de forma subordinada à cultura dominante, dificultando o encontro da identidade deste homem em seu próprio meio.

Sempre atenta às histórias que lhe eram contadas sobre os moradores da favela, inclusive a de Negro Alírio, Maria-Nova aparece com uma das personagens que merecem ser aqui destacada. Além de assemelhar-se com a autora em relação a sua história de vida, o cuidado que houve em sua elaboração nos leva à reflexão de algumas questões a serem discutidas. Primeiramente ter uma criança negra como um dos principais personagens da obra nos faz refletir sobre a visão destes sobre situações como racismo, diferenças sociais e principalmente o desfavelamento. Maria-Nova em sua caminhada pela “torneira de cima” ou “torneira de baixo” – pontos principais da favela – revela todas as histórias ligadas a estas temáticas. Outra característica dada à

pequena Maria por Conceição é a vontade de passar para a posteridade todas as histórias de que tinha conhecimento na favela:

Maria Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (p. 138). A vida não podia gastar-se em miséria. “Viver do viver”. A vida não podia gastar-se em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimindo lá dentro do peito. O pensamento veio tão rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever (p.147).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de passar adiante todas as memórias que recolhera na favela e assim não calar todas aquelas vozes tornou-se a saída-escrita da autora pela personagem. Dar voz e narrar o percurso da vida de dezenas de personagens como retirantes, empregadas domésticas, prostitutas, idosos, moleques, operários, deficientes físicos, crianças entre outros personagens negros ou não, é tirá-los da condição de coadjuvantes para fazê-los protagonistas na construção de todo o livro, o que contraria praticamente o cânone. A literatura afro-brasileira, bem como Conceição Evaristo, enfatizam a valorização de tudo o que se considerava marginal, e num trabalho de (re)construção e (re)significação dão vez a sujeitos nunca antes representados de fato. Hall (2006, p. 51) observa que:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas.

Utilizando-se da escrita como ponto de partida para uma nova ordem do discurso sobre os afro-descendentes no Brasil e saída para a emancipação de identidades que não nos convém, Conceição Evaristo (2007), primeiramente como leitora, contradiz toda a história e a reconta através da perspectiva daqueles que sempre se resignaram em permanecer nas entrelinhas literárias. Segundo a autora:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

O domínio da escrita trouxe à tona a identidade e a subjetividade da autora, construídas ao longo do tempo e, por conseguinte, a valorização da mesma. Qual seria o objeto de trabalho desta escritora e de uma literatura compromissada senão a sua própria história? Foucault (1997) afirma que o autor surge para confirmar a sua identidade, revelando o seu íntimo e refletindo também a individualidade de outras pessoas que o leem. Desta forma, o negro autor torna-se um exemplo, pois quando esta figura aparece e faz aparecer a sua individualidade, sobretudo as repressões e dificuldades que passou, afeta a individualidade de leitores que compartilham com este autor tais experiências e acabam por corroborar na reconstrução de uma nova identidade através do instrumento literário. Portanto, a narrativa afro-brasileira não acontece apenas para seguir um padrão estético e literário, mas para fazer de uma ideologia arte, desta arte identidade e desta identidade uma estratégia de sobrevivência em meio ao que se é imposto.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. In: ALEXANDRE, Marco Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2007. v. 1. p. 22-29.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2007. v. 1. p. 16-21.

_____. **Becos da Memória**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2006.

_____. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lobo. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3. ed. São Paulo, SP: Vega, 1997.

FURTADO, J. F. **Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2003.

Recebido em: 01 Agosto 2009

Aceito em: 22 Setembro 2009